

Não é tempo de inventar mágicas, adverte Castro

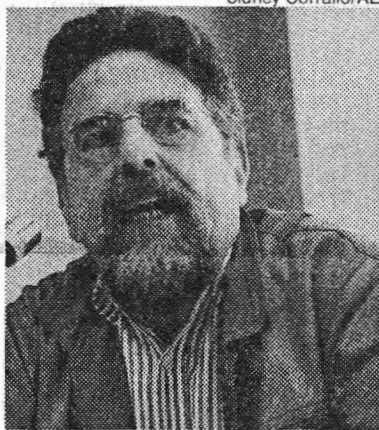
Sidney Corrallo/AE

Não há o que pôr no lugar da atual política econômica, porque ninguém tem proposta alternativa, segundo o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro Antônio de Barros Castro. "Não há como se afastar muito do que aí está", acrescenta. "Não vai aparecer mágica nenhuma, porque não há credibilidade para isso."

A única proposta recente de mudança, lembra Castro, é a da dolarização, "mas seus defensores não escolheriam este momento para ensaiá-la". Dolarizar só tem sentido, argumenta, quando a moeda nacional está moribunda e é preciso reconstruir o sistema sobre novo fundamento. "Ora, não há evidência de morte da moeda, agora", continua. Fatos: os cruzados novos bloqueados retornaram e foram aplicados, na maior parte, em títulos denominados em cruzeiros. Até hoje, diz, só se tentou a dolarização em terra arrasada e quando já há outra moeda em curso. Não é o que se está vivendo no Brasil.

Sem grandes lances — "Que outras possibilidades haveria?", pergunta Castro. Uma política de rendas, isto é, de contenção gradual de preços e de salários, "seria brincadeira, quando a poder político está em questão". "Não há como pensar em lances dramáticos."

Novidade, se existe, é a própria experiência brasileira de inflação estagnada há 10 meses. "Entramos na *calmaria da alta inflação*, um regime desconhecido." A explicação



Antônio de Barros Castro
Falta credibilidade para lance espetacular

mais comum — demanda reprimida — é insuficiente, segundo Castro. Um fato claro, acrescenta, é a mudança na formação de expectativas. Até outubro do ano passado, explica, as pessoas tentava antecipar o próximo lance do governo e agir preventivamente. "Quando Marcílio se negou a produzir novo choque, a formação de expectativas perdeu seu mecanismo básico." No lugar daquele jogo, há uma política de continuidade e até uma doutrina para justificá-la: manter o rumo até a reforma fiscal. "É uma doutrina um pouco tosca", diz Castro, "mas as pessoas aceitam isso." Novidades, portanto, terão de vir da frente fiscal ou da formação de um consenso. Para algo mais espetacular falta credibilidade.